

Saberes Culturais:

um olhar sobre as mudanças e permanências da cultura imaterial de
São Raimundo Nonato – Piauí (2004-2014)¹

*Elizeide Miranda de Oliveira*²

Sabemos que o Brasil é um país conhecido mundialmente por ser uma nação miscigenada e possuir uma diversidade cultural. Entendemos também, que a cultura de um povo é constituída por hábitos, valores, comportamentos, interação social, memórias, tradições, entre outras elementos. Assim, podemos afirmar que o patrimônio cultural de um povo, além de ser composto por elementos materiais, é também entendido, por meio de práticas, representações, manifestações e saberes da cultura imaterial. Essas manifestações e práticas, não são ensinamentos elaborados ou sistematizados, mas sim, transmitidos oral e espontaneamente, através da vivência familiar ou do contexto social, os quais são compartilhados por várias gerações.

Desse modo, as manifestações populares estão presentes na vida dos brasileiros, sobretudo dos nordestinos, devido às suas crenças, danças populares, costumes e celebrações de maneira geral, manifestações essas de natureza plural, ricamente diversas, adquiridas por vários grupos étnicos e sociais, responsáveis pela formação do povo brasileiro.

Nessa perspectiva, procuramos, a partir da experiência e das vivências dos praticantes de determinados saberes culturais, sobretudo de natureza imaterial, de São Raimundo Nonato, Piauí, descrevê-los, bem como analisar as mudanças e permanências desses aspectos, e, por conseguinte, contribuir para a preservação da memória imaterial dessa região, disseminando esses aspectos, como via de incentivo e fortalecimento dos laços culturais desse patrimônio, para que não caiam no esquecimento. Optamos por o recorte temporal, de 2004 a 2014, por se tratar de uma década em que se estabeleceu a criação do Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na região, juntamente com a Superintendência do órgão no Piauí, em maio de 2004.

¹ Essa pesquisa é um resumo da monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História – UESPI/São Raimundo Nonato - Piauí, defendida em 16 de fevereiro de 2017 com o título “Saberes Culturais: um olhar sobre as mudanças e permanências da cultura imaterial de São Raimundo Nonato – Piauí (2004-2014)”, tendo como orientadora a prof^ª. Ma. em História pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), Kalliany Moreira Menezes Vitoriano. A pesquisa foi dividida em três capítulos: Patrimônio Cultural; Os saberes culturais de São Raimundo Nonato: Costumes antigos que ainda se permeiam em meio a contemporaneidade; Práticas populares de cura: entre ‘Benzeção’ e Mezinhas”.

² Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, campus de São Raimundo Nonato – PI. E-mail: elizeide@hotmail.com

Sendo essa temática muito abrangente e elástica, focamos pesquisar mais detidamente em apenas alguns saberes culturais intangíveis desse povo, como o conhecimento das parteiras, a prática da “benzeção” e o poder de cura das plantas medicinais e remédios caseiros da região.

O município de São Raimundo Nonato, fica localizado no sudoeste do estado do Piauí, distante aproximadamente da capital Teresina 576 km. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo (2010), possui uma população de 32.329 habitantes. É uma cidade centenária que nasceu de uma fazenda, a Fazenda Jenipapo. Rodeada de achados arqueológicos e considerada hoje uma cidade turística, devido à notoriedade do Parque Nacional Serra da Capivara.

Ao escolher essa temática foi observado que há uma grande necessidade em buscar difundir as memórias, sobretudo, intangíveis, uma vez que, existem poucos registros sobre esse tema na região. Visando identificar quais problemas ameaçam a permanência desse patrimônio, como também uma forma de incentivo, fortalecimento e reconhecimento por parte da sociedade civil, órgãos governamentais, associações comunitárias enfim, todo e qualquer tipo de instituição pública e privada, em prol da preservação desse legado considerável para a cultura regional, por considerar também que todos são responsáveis pela sua conservação.

Para isso, retomamos sobre conceitos de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial. Analisamos também, sobre a Cultura como Patrimônio, a sua formalização e reconhecimento. Fazemos ainda, um breve resumo caracterizando a cidade de São Raimundo Nonato e seus patrimônios imateriais. E descrevendo, sobretudo, os saberes culturais do município: Costumes antigos que ainda se permeiam em meio à contemporaneidade.

No decorrer desse estudo trabalhamos com autores que falam sobre cultura como Laraia (2009), Stuart Hall (2006), Michel de Certeau, (1994) entre outros. Adotamos também como fontes e referências de leitura, cartilhas, folders, como também, artigos científicos, que muito nos auxiliaram na compreensão e entendimento dessa temática, mas, sobretudo, à linguagem ágrafa, ou seja, a linguagem que não se escreve, que não tem escrita. Isto é, conversamos com praticantes dos saberes culturais da região de São Raimundo Nonato, por considerar que esses nos fornecem subsídios necessários para a realização dessa pesquisa. Levando em conta a importância do estudo da história local, através da oralidade, por nos permitir um contato direto com indivíduos comuns, que mantém essa memória viva e que passam seus conhecimentos a seus descendentes.

Assim, a partir da ótica e das vivências desses sujeitos “privilegiados” de São Raimundo Nonato, Piauí, realizamos algumas entrevistas, com narrativas de como ocorrem essas práticas culturais, e, sobretudo, analisando as mudanças e permanências.

Dentre os conhecimentos populares estudados na pesquisa se encontra a arte de partejar, que é uma prática cultural configurada pelo acúmulo de experiência e passada de geração em geração. Segundo o Ministério da Saúde (2010, p. 26): “A arte de partejar é uma atividade que acompanha a história da própria humanidade”. No Brasil, segundo a parteira Suely Carvalho (1994 apud BARROSO, 2016), até o século XX era grande o número de parteiras tradicionais, sendo as mesmas de muito valor e respeito. Nesse viés Carvalho (1994 apud BARROSO, 2016, p. 4-5), ressalta que: “A qualidade de vida era melhor, as pessoas nasciam num ambiente prazeroso, às mulheres tinham saúde, as crianças bem amamentadas. Pouco a pouco essas mulheres foram tiradas de cena, e com elas grande parte do saber popular [...]”. Entretanto, de acordo com o Ministério da Saúde (2010), a maioria dos partos ocorre em ambiente hospitalar e é cada vez menor o número de partos domiciliares realizados por parteiras no Brasil.

Na região de São Raimundo Nonato só foi possível encontrarmos uma parteira que é a senhora Inês Maria de Negreiros, 65 anos, mulher sábia, senhora distinta, católica fervorosa, tímida de início, mas muito receptiva que nos relatou um pouco sobre suas vivências e experiências no ato do partejar.

Segundo Negreiros (2016), seu ofício como parteira começou aos 24 anos, sendo um aprendizado adquirido por meio de seu avô, primeiro morador da localidade Lagoa de Fora, pessoa muito bondosa que gostava de ajudar as pessoas. Mas, dona Inês se aperfeiçoou com o tempo e dedicou seus saberes tanto em domicílios, quanto no âmbito hospitalar. A “mãe de umbigo” fala que aprendeu esse saber com seu avô, mas que só começou a exercer essa atividade, devido à necessidade de ajudar seu filho doente. E, foi nesse momento, que ela despertou o desejo de socorrer as pessoas que necessitam de seus cuidados.

De acordo com a jornalista Cida Macêdo (2008), as parteiras geralmente são mulheres, simples, sábias, que não possuem instrução institucionalizada, mas, que possuem seu saber preservado na memória, constituído de vocação, rituais e oração.

Dessa forma, dona Inês Maria de Negreiros (2016) nos relata sobre seu papel como parteira, acrescentando que já aparou crianças em várias situações, como no banheiro, dentro de carros, em residências, no âmbito hospitalar, entre outros. Para ela, a mulher tem que ser cuidada desde a gestação até o resguardo, e nos fala sobre os cuidados na hora de alimentar:

“uma mulher “parida”, tem que comer rapadura para aumentar o leite, toda vez que der de mamar, tomar suco ou água”.

As parteiras geralmente se utilizam de plantas medicinais que servem para auxiliar antes, durante e após o parto, dentre elas: a folha do algodão, que serve para infecção; a pimenta do reino, usada para acelerar a dor na hora do parto; chá de erva cidreira, aroeira, dentre outros.

Diante disso, é notória a sabedoria genuína da parteira, como um dom de cuidar, de servir, de se doar ao próximo, sem pedir nada em troca, apenas a gratidão e o apego que fica da “mãe de umbigo”. Segundo dona Inês, as crianças que ela ajudou a trazer ao mundo a chamam de ‘mãe’, uma maneira carinhosa de demonstrar sua gratidão.

Perguntada sobre a disseminação desse conhecimento, dona Inês (2016), é enfática em dizer que é uma prática quase extinta na região, pois a maioria das parteiras já morreu e as poucas que ainda existem não exercem mais essa prática e atribui a isso, ao avanço da medicina, uma vez que, ou a parteira procura se qualificar para ajudar trazer as crianças ao mundo com ajuda de aparelhos, ou ela não é mais procurada para realizar esse trabalho.

Diante desse relato, percebemos que essa prática está se extinguindo, uma vez que não conseguimos outros agentes desse saber para entrevistar. No entanto, observamos também, que esse conhecimento ainda permanece, mesmo que de maneira tímida e diferente, pois como notamos durante a entrevista, as parteiras tradicionais atualmente, não são mais tão procuradas como antigamente, elas tem que se qualificar e utilizar-se de outros mecanismos, na tentativa de auxiliar na hora do parto.

Já a prática da “benzeção” é uma prática religiosa, cultural e popular presente no cotidiano das pessoas, normalmente pessoas de condições socioeconômicas mais simples. A prática dos rezadores é um costume muito antigo, presente em todas as culturas primitivas. No Brasil, seus primeiros habitantes, mesmo não tendo nenhuma instrução cristã, os indígenas, já antes da chegada dos colonizadores, tinham como hábito praticar sua fé em rituais religiosos, em busca da saúde física e espiritual. Desde então, essa prática vem sendo preservada através da memória e repassada de geração a geração, mesmo com rupturas e permanências. (BEZERRA, 2010)

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2009, p. 90) no período colonial, sobretudo, as mulheres eram “sabedoras de segredos e usando apenas fórmulas oracionais, essas médicas sem diploma tentavam transformar seus fascinados pacientes em criaturas invulneráveis aos olhares e ares venenosos”. Entretanto, durante muito tempo os rezadores foram vítimas de

discriminação e perseguição, tanto por parte da medicina oficial, como também das instituições religiosas, acusando-os de bruxos e feiticeiros. Mas, por meio das experiências e dos saberes de benzedores, a exemplo dos habitantes de São Raimundo Nonato, podemos analisar essas práticas e compreender a relevância dos saberes e das tradições, buscando mostrar como as mesmas ocorrem através das memórias e representações, as quais também contribuem para legitimar esses saberes.

Em busca do conhecimento desses praticantes, observamos um perfil semelhante entre eles. Tratam-se de sujeitos com pouca ou até mesmo, nenhuma instrução formal, são pessoas simples, humildes, que rezam, sobretudo, para reestabelecer a saúde de quem necessita. Possuem a mesma religião, se intitulando católicos e se veem como portadores de um dom especial, ou seja, dom de Deus e usam esse saber como um analgésico social. Todavia, identificamos ainda, nos relatos dos possuidores desses saberes, o sentimento de solidariedade, pois todos acreditam estar ajudando a quem precisa.

Assim, podemos perceber que a eficácia das rezas e dos rituais utilizados na benzedura é atribuída a um dom dado por Deus e/ou pode ser também um aprendizado que passa de geração a geração, e é de grande relevância para reestabelecer o doente que acredita e tem fé. Por isso, de acordo com Ferreira (2016), nada é cobrado para a realização da reza, ele recebe o que a pessoa quiser dar, pois recebeu esse dom é de graça e esse é um momento espiritual intermediado pela força de Deus.

Ainda, conforme os entrevistados, os males que mais afetam a população são: quebranto, mau-olhado, sol na cabeça, arca caída, entre outros. Este último geralmente se apresenta com dores nas costas, provocada pelo excesso de peso; o sol na cabeça se apresenta quando a pessoa se expõe muito ao sol e com isso adquire dor de cabeça. Já o quebranto geralmente acontece com as crianças, provocando sonolência, falta de apetite, febre alta e mal estar.

O rezador Agostinho Ferreira é um homem de fé, que reza com o intermédio de Deus e acredita no dom que possui. Entretanto, ressalta que ainda tem pessoas que desacreditam na sua capacidade de reestabelecer um doente. No entanto, ele nos relata um caso surpreendente acontecido entre ele e a medicina oficial, onde conseguiu a cura de uma criança que estava desenganada da medicina.

Tem gente aqui, não é me gavano, já tem acontecido vim gente do hospital, quando eu morava ali no Cruzeiro mesmo, vei uma mulher com uma menininha, a bichia vinha se ardendo em febre, queimando, queimando, teve internada lá, ai o médico disse, olha pode levar sua fia pa morrer la em casa que não tem jeito não. Ai tinha

um sobrinho da Maria que era casado com uma irmã dessa mulher e disse borá ali ontá um vei ali, chegou com a menina assim mesmo desbotada ai nos braços dela, ai ela contou, não negou não, olha tirei minha filha de lá pra morrer em casa, essa menina vinha queimando assim, uma febre, uma febre que vinha queimando, ai passei um ramo nela la, fiz umas palavras lá e disse amanhã traga ela aqui de novo, ela disse se ela amanhecer viva, eu disse conversa rapaz, com fé em Deus sua fia vai ficar é boa, quando foi no outro dia ela chegou, sem mentira nenhuma, pode perguntar a Maria aqui, chegou caminhando, pegada no braço dela, ela caminhando, quando ela entrou lá dentro de casa, correu, ai eu peguei na mão dela e entrei lá pra dentro do muro, ficou boinha, tornei passar os dedos nela, ficou boinha. [...] Ainda precisa eu trazer ela aqui? Eu digo não. Tá ai, já tá uma moçona. (FERREIRA, 2016)

Nesse sentido, podemos depreender que à medida que vamos conhecendo essa sabedoria popular, entendemos o quanto é importante para a sociedade que acredita e tem fé. São agentes que estão sempre dispostos a ajudar aqueles que os procuram, que precisam e que acreditam no reestabelecimento da saúde física e espiritual.

Ao serem indagados sobre as rezas e orações que conhecem, notamos certa resistência por parte de todos os entrevistados em não ensinar sobre suas rezas e orações. No entanto, o senhor Valdério de Jesus Sousa (2016) nos fala que ensina, mas não conhece ninguém interessado em aprender, mas com uma ressalva, não pode ensinar para todos, tem que saber o perfil da pessoa, ou seja, a pessoa a ser instruída com as rezas, trata-se de um indivíduo espiritualizado, que tenha um contato muito próximo com Deus.

Diante desse contexto e partindo da premissa, onde o foco da nossa pesquisa é saber se essa prática sofre alguma ruptura ou é passada de geração a geração, procuramos saber se eles repassam esse saber aos seus filhos ou para pessoas que tenham interesse em aprender. Alguns dizem que sim, de alguma forma, sempre que tem oportunidade procuram estar ensinando a quem tem interesse. Entretanto, eles nos relatam que nem sempre existe interesse por parte do receptor em tentar adquirir esse saber. Segundo Sousa (2016):

O povo não tem interesse em aprender essas coisas mais não. Não conheço ninguém interessado em aprender, só a Nara ali que às vezes pergunta como é. Mas, também não pode ensinar pra todo mundo não! Tem que ser uma pessoa que você ver que dá pra passar a reza. Tipo uma pessoa que já tem o dom ou tem um contato direto com Deus. Mas, tem umas rezas mais simples que dá pra ensinar, como a reza da queimadura.

Indagado sobre o que são atribuídas as mudanças e permanências dessa prática cultural, Sousa (2016) faz uma análise, a partir da sua ótica, mais que foi percebida durante os relatos dos outros entrevistados, que trás consigo o sentimento de mudança desses saberes, pois segundo o mesmo, os costumes que existem atualmente, são diferentes dos anteriores, e

atribui a isso, a chegada da tecnologia, que, por conseguinte, descontinuou ou modificou às antigas tradições.

Entretanto, podemos perceber que mesmo com o avanço da medicina e o surgimento da tecnologia, o ofício da “benzedura” ainda se permeia na contemporaneidade, porém, notamos que essa prática não está sendo disseminada para as novas gerações, podendo assim se perder num futuro próximo.

O último saber e não menos importante, dentre os que optamos por analisar mais detidamente em nossa pesquisa, trata-se da utilização das plantas medicinais e dos remédios caseiros, um costume muito antigo e uma opção natural para tratar doenças.

O poder de cura das plantas medicinais não é algo novo, remete desde os primórdios da humanidade. No Brasil foram os indígenas que descobriram o potencial medicinal das plantas. Os índios são os maiores conhecedores das características das plantas que ajudam no tratamento de doenças.

Todavia, em São Raimundo Nonato, constatamos que as plantas medicinais e os remédios caseiros são comumente utilizados. Por esse fato, entrevistamos a senhora Nelzuita Pereira, 65 anos, que vivenciou momentos de enfermidades e com muita sabedoria soube se sobressair diante das únicas possibilidades que tinha, que era o conhecimento herdado de seus ancestrais, com o uso das plantas medicinais e os remédios caseiros.

Nesse seguimento, dona Nelzuita nos relata sobre algumas plantas medicinais, sua eficácia e suas propriedades. Dentre eles, o Endro, Açafroa, Angico, Aroeira, Babosa, Hortelã, Umburana de Cheiro, Pau de Rato e Quebra Pedra.

Conforme Pereira (2015), o quebra-pedra é uma planta medicinal muito comum e utilizada no combate e prevenção de pedras nos rins, pedras na vesícula, entre outros benefícios. Ela nos relata o modo de fazer. Segundo a mesma, para preparar o chá de quebra-pedra deve-se utilizar folhas, água e deixa ferver, após, deve-se tampar o recipiente por alguns minutos, coar e tomar. Ao ser indagada se utiliza ainda nos dias atuais alguma prática antiga, ela nos relata sobre o chá da semente da Umburana de Cheiro para curar dor de cabeça, dores estomacais e infecções.

Desse modo, podemos observar o conhecimento empírico dessa senhora, pois em épocas de dificuldades e por não ter acesso à farmácia e remédios industrializados, como também, pela falta de assistência médica, o único meio que lhe restava era o saber adquirido de gerações passadas.

No entanto, embora a medicina contemporânea esteja cada vez mais evoluída na maior

parte do mundo, a Organização Mundial de Saúde reconhece que “grande parte da população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para sua atenção primária, tendo em vista que [...] 85% destes utilizam plantas ou preparações destas” (BRASIL, 2006, p. 11). Em São Raimundo Nonato, podemos confirmar esta constatação, pois observamos que através da medicina tradicional, dos saberes populares, muitas plantas são utilizadas para tratar doenças. No que se refere aos costumes do uso das plantas medicinais, percebemos que essa prática é algo cultural, uma herança passada de geração a geração, e que, pesquisas realizadas por universidades têm confirmado suas propriedades.

Nessa perspectiva, dona Nelzuita Pereira (2015), nos relata que repassou para seus filhos esses saberes adquiridos de seus antepassados, no entanto, diante das novas tecnologias e o avanço da ciência, seus filhos não estão repassando aos seus netos, e lamenta a perda dessas práticas.

Por isso, ressaltamos a importância de se preservar e de se reconhecer esses saberes, não só junto a seus praticantes, mas dialogando com a sociedade, o governo e as autoridades competentes para que, assim, essas práticas continuem a trazer os benefícios que a tradição ratificou e que as pesquisas têm atestado. Desse modo, é importante que todas as gerações conheçam e saibam do poder das plantas medicinais, o procedimento do uso correto, e com isso, possam desfrutar desse grande benefício que a natureza nos dispõe.

São práticas que em maior ou menor proporção se perdem ou se modificam. Daí a importância em registrar esses saberes para que não caiam no esquecimento, para que as próximas gerações possam conhecer na sua essência. Pois à medida que elas vão se modificando, sempre há uma perda de elementos que compõe um conjunto de saberes. Ainda que não possamos conhecer essa prática na sua totalidade, acreditamos que os pormenores são essências, fazem toda diferença, são esses elementos que necessitam de ser registrados e disseminados para futuras gerações.

Portanto, durante as investigações, conversamos com pessoas extraordinárias que viveram e vivem esse universo cultural, onde nos possibilitou conhecer a astúcia presente na vida desses agentes do saber, que vivenciam, que ajudam, que experienciam os saberes. Muito embora, às vezes, não se dão conta do papel social, sobretudo, ligado ao caráter da distinção, ou seja, são sujeitos especiais, como também, da relevância do seu trabalho, tão vasto e rico de sabedoria, de detalhes, de humanidade e um trabalho prestado a toda sociedade que necessita desse conhecimento.

Diante disso, podemos constatar que essas práticas culturais, possuem um

reconhecimento social, pois são atos cheios de doações e solidariedades, que se constrói e reconstrói com o tempo. Pensar nesses conhecimentos é pensar num saber que não é algo pronto e acabado e sim aperfeiçoado, por meio da experiência e passado de geração em geração. Deixar esses saberes desaparecer é fazer com que nossa história desapareça.

Percebemos ainda durante a pesquisa que, mesmo diante de todas as dificuldades, muitas vezes da resistência social e o aparecimento de novas tecnologias, esse conhecimento desempenha um papel muito importante para os que acreditam no conhecimento desses agentes. Muito embora, trate-se de pessoas simples e sem instruções intelectuais, são sujeitos autênticos e fervorosos, que trazem consigo forte laço sobrenatural, encarando seu saber como uma benção de Deus. Dessa forma, não se limita apenas a uma determinada classe social ou crença, mais que abrange todos aqueles que têm fé e confiam no seu conhecimento.

Constatamos ainda que, apesar de antigas, essas práticas culturais resistiram às inovações técnicas da medicina oficial, em virtude da memória dos praticantes, a qual preservam esses conhecimentos, por meio da transmissão oral, dando assim continuidade a essas sabedorias populares. Portanto, podemos compreender que essas práticas culturais que remontam a tempos imemoráveis, ainda se permeiam na contemporaneidade, mesmo que de maneira tímida.

REFERÊNCIAS:

BARROSO. Iraci de Carvalho. **Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais**. Material extraído de BARROSO, I. C. Saberes e Prática das Parteiras Tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias. UNICAMP, CAMPINAS/SP, 2001. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/download/34/n2Iraci.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. – Brasília, DF: IPHAN, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros, 1932 - **Cultura: um conceito antropológico**. 23. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2009.

LEVANTAMENTO da Cultura Imaterial São Raimundo Nonato – PI e Macro-região. FUMDHAM; IPHAN. Ministério da Cultura, Brasília. 2000

MACÊDO, Cida. **Saberes e crenças da arte de partejar**. São Luís: Gráfica Jk, 2008.

PRIORE, Mary Del. **Magia e medicina na colônia**. In: História das mulheres no Brasil. Priore. Mary Del. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FONTES:

FERREIRA. Agostinho de Jesus. Rezador. 67 anos, analfabeto, lavrador, aposentado, morador no bairro Cipó, cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. Depoimento [03 abr. 2016]. [19 min 49 seg]. Relatou sobre suas experiências e práticas, seus saberes e como esses acontecem.

NEGREIROS. Inês Maria de. Parteira/Auxiliar de Enfermagem. Casada, 61 anos, aposentada, dona de casa, moradora na localidade Lagoa de Fora, município de São Raimundo Nonato – PI. Depoimento [6 abr. 2016]. [25 min 42 seg]. Relatou como ocorre o ato de partejar, descrevendo suas experiências vivenciadas.

PEREIRA, Nelzuita Maria. 65 anos, analfabeta e evangélica, residente no bairro Galo Branco, cidade de São Raimundo Nonato, Piauí, Depoimento [28 mar. 2015]. [17 min 16 seg]. Relatou sobre o conhecimento das plantas medicinais e remédios caseiros.

SOUSA. Valdério de Jesus. Rezador. 35 anos, desempregado, semi-analfabeto, residente no bairro São Felix, cidade de São Raimundo Nonato, Piauí. Depoimento [2 abr. 2016]. [39 min 21 seg]. Relatou sobre suas experiências e práticas, seus saberes e como esses acontecem.